

### **Não sabia que era preciso**

Ao contrário do que afirmam os ingênuos (todos o somos uma vez por outra), não basta dizer a verdade. De pouco ela servirá ao trato das pessoas se não for crível, e talvez até devesse ser essa a sua primeira qualidade. A verdade é apenas meio caminho, a outra metade chama-se credibilidade. Por isso há mentiras que passam por verdades, e verdades que são tidas por mentiras.

Esta introdução, pelo seu tom de sermão da quaresma, prometeria uma grave e aguda definição de verdades relativamente absolutas e de mentiras absolutamente relativas. Não é tal. É apenas um modo de me sangrar em saúde, de esquivar acusações, pois, desde já o anuncio, a verdade que trago hoje não é crível. Ora vejamos se isto é história para acreditar.

O caso passa-se num sanatório. Abro um parêntese: o escritor português que escolhesse para tema de um romance a vida de sanatório, talvez não viesse a escrever *A Montanha Mágica* ou *O Pavilhão dos Cancerosos*, mas deixaria um documento que nos afastaria da interminável ruminância de dois ou três assuntos erótico-sentimental-burgueses. Adiante, porém, que esta crônica não é lugar de torneios ou justas literárias. Aqui só se fala de simplezas quotidianas, pequenos acontecimentos, leves fantasias – e hoje, para variar, de verdades que parecem mentiras. (Verdade, por exemplo, é o doente que entrava para o chuveiro, punha a água a correr, e não se lavava. Durante meses e meses não se lavou. E outras verdades igualmente sujas, rasteiras, monótonas, degradantes.)

Mas vamos à história. Lá no sanatório, dizia-me aquele amigo, havia um doente, homem de uns cinquenta anos, que tinha grande dificuldade em andar. A doença pulmonar de que padecia nada tinha a ver com o sofrimento que lhe arrepanhava a cara toda, nem com os suspiros de dor, nem com os trejeitos do corpo. Um dia até apareceu com duas bengalas toscas, a que se amparava, como um inválido. Mas sempre em ais, em gemidos, a queixar-se dos pés, que aquilo era um martírio, que já não podia aguentar.

O meu amigo deu-lhe o óbvio conselho: mostrasse os pés ao médico, talvez fosse reumatismo. O outro abanava a cabeça, quase a chorar, cheio de dó de si mesmo, como se pedisse colo. Então o meu amigo, que lá tinha suas caladas amarguras e com elas vivia, impacientou-se e foi áspero. A atitude anunciou-lhe que ia mostrá-los ao médico. Mas que antes disso gostaria que o seu bom conselheiro os visse.

E mostrou. As unhas, amarelas, encurvavam-se para baixo, contornavam a cabeça dos dedos e prolongavam-se para dentro, como biqueiras ou dedais córneos. O espetáculo metia nojo, revolvia o estômago. E quando perguntaram a este homem adulto por que não cortava ele as unhas, que o mal era só esse, respondeu: “Não sabia que era preciso.”

As unhas foram cortadas. Cortadas a alicate. Entre elas e cascos de animais a diferença não era grande. No fim das contas (pois não é verdade?), é preciso muito trabalho para manter as diferenças todas, para alargá-las aos poucos, a ver se a gente atinge enfim a humanidade.

Mas de repente acontece uma coisa destas, e vemo-nos diante de um nosso semelhante que não sabe que é preciso defendermo-nos todos os dias da degradação. E neste momento não é em unhas que estou a pensar.

1 Com base na leitura do texto, pode-se depreender que um de seus propósitos é

- (A) criticar as pessoas que contam mentiras que passam por verdades.
- (B) argumentar que mentiras podem ser tidas como verdades, mas não o contrário.
- (C) provar que a verdade por si só não é suficiente; o crédito a ela é necessário.
- (D) refletir sobre a definição de verdades relativamente absolutas e de mentiras absolutamente relativas.
- (E) descrever os efeitos de verdades e de mentiras conforme sua relatividade ou absolutismo.

2 Do trecho

“E mostrou. As unhas, amarelas, encurvavam-se para baixo, contornavam a cabeça dos dedos e prolongavam-se para dentro, como biqueiras ou dedais córneos. O espetáculo metia nojo, revolvia o estômago. E quando perguntaram a este homem adulto por que não cortava ele as unhas, que o mal era só esse, respondeu: Não sabia que era preciso.”

É correto afirmar:

- I. O vocábulo “por que” introduz uma pergunta indireta.
- II. Por meio de um segmento descritivo apresenta-se a situação dos pés do homem doente, o que nos permite concordar com a avaliação do autor de que se tratava de um espetáculo que “metia nojo, revolvia o estômago”.
- III. No trecho “As unhas, amarelas, encurvavam-se para baixo, [...]”, caso as vírgulas fossem suprimidas não haveria mudança no sentido do enunciado.
- IV. No trecho ‘Não sabia que era preciso’, as aspas indicam o turno de fala do homem.

Estão corretas:

- (A) I e II, somente.
- (B) II e III, somente.
- (C) I, II e III.
- (D) I, II e IV.
- (E) II, III e IV.

3 Em relação ao sentido dos vocábulos/expressões do texto, é correto afirmar:

- (A) Em “De pouco ela servirá ao trato das pessoas se não for **crível**, e talvez até devesse ser essa a sua primeira qualidade. [...]”, o vocábulo em destaque poderia ser substituído por “inaceitável”.
- (B) A expressão “**Abro um parênteses** [...]” poderia ser substituída pelo vocábulo “Explico”.
- (C) Em “Um dia até apareceu com duas bengalas toscas, a que se **amparava**, como um inválido”. O vocábulo em destaque poderia ser substituído por “sustentava”.
- (D) Em “**Então** o meu amigo, que lá tinha suas caladas amarguras e com elas vivia, impacientou-se e foi áspero”. O termo em negrito pode ser substituído pela expressão “No entanto”.
- (E) Em “O meu amigo deu-lhe o **óbvio** conselho: mostrasse os pés ao médico, talvez fosse reumatismo”. O vocábulo em negrito poderia ser substituído por “coloquial”.

4 O trecho em que o segmento assinalado expressa a conclusão de um fato é:

- (A) “**Ao contrário do que afirmam os ingênuos (todos o somos uma vez por outra)**, não basta dizer a verdade.”
- (B) “A verdade é apenas meio caminho, a outra metade chama-se credibilidade. **Por isso há mentiras que passam por verdades, e verdades que são tidas por mentiras.**”
- (C) “É apenas um modo de me sangrar em saúde, de esquivar acusações, pois, **desde já o anuncio**, a verdade que trago hoje não é crível.”
- (D) “A doença pulmonar de que padecia nada tinha a ver com o sofrimento que lhe arrepanhava a cara toda, **nem com os suspiros de dor, nem com os trejeitos do corpo.**”
- (E) “[...] o escritor português que escolhesse para tema de um romance a vida de sanatório, talvez não viesse a escrever A Montanha Mágica ou O Pavilhão dos Cancerosos, **mas deixaria um documento que nos afastaria da interminável ruminação de dois ou três assuntos erótico-sentimentalo-burgueses.**”

**5** Os segmentos em destaque revelam avaliações do autor em relação a ideias/fatos tratados no texto, **EXCETO** em:

- (A) “Ao contrário do que afirmam os ingênuos (**todos o somos uma vez por outra**), não basta dizer a verdade.”
- (B) “Esta introdução, pelo seu tom de sermão da quaresma, prometeria uma grave e aguda definição de verdades relativamente absolutas e de mentiras absolutamente relativas. **Não é tal.**”
- (C) “O caso passa-se num sanatório. **Abro um parêntese:** o escritor português que escolhesse para tema de um romance a vida de sanatório, talvez não viesse a escrever A Montanha Mágica ou O Pavilhão dos Cancerosos, mas deixaria um documento que nos afastaria da interminável ruminação de dois ou três assuntos erótico-sentimentalo-burgueses.”
- (D) “As unhas foram cortadas. Cortadas a alicate. Entre elas e cascos de animais a diferença não era grande. No fim das contas (**pois não é verdade?**), é preciso muito trabalho para manter as diferenças todas, para alargá-las aos poucos, a ver se a gente atinge enfim a humanidade.”
- (E) “As unhas, amarelas, encurvavam-se para baixo, contornavam a cabeça dos dedos e prolongavam-se para dentro, como biqueiras ou dedais córneos. **O espectáculo metia nojo, revolia o estômago.**”